

Maycon Fritzen

Mestrando no Programa de Pós-graduação em Geografia do Instituto de Geociências,
Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP
mayconfritzen@ige.unicamp.br

Marlon Brandt

Professor Doutor da Universidade Federal da Fronteira Sul, *campus* Chapecó
marlon.brandt@uffs.edu.br

Dinâmica da paisagem no município de Modelo-SC: rupturas e continuidades

Resumo

Nas paisagens pretéritas e atuais do município de Modelo-SC observam-se rupturas e continuidades entre os objetos, formas e funções, de modo que as transformações são motivadas pelas mudanças nas relações entre o homem e o ambiente através das técnicas. O município de Modelo, tomado como recorte espacial de pesquisa, apresentou transformações significativas em sua paisagem desde o início da colonização no final da década de 1940 aos dias atuais. Os registros histórico-fotográficos mostraram-se uma fonte importante para acompanhar essas transformações, auxiliando na compreensão da formação territorial e das formas e conteúdos do território. Foi evidenciado, dessa maneira, que a paisagem atual guarda várias heranças – entre continuidades e rugosidades – das formas e dos conteúdos pretéritos que compunham as paisagens de outrora. Ainda que a adoção de técnicas mais modernas, como é o caso observado das estradas de rodagem, sistemas construtivos e suprimento de energia elétrica, imprima mudanças significativas à paisagem, não podem ser desconsideradas completamente as funções passadas que autorizaram as formas de fazer em outro momento.

Palavras-chave: Paisagens, transformações, rupturas, continuidades.

Abstract

LANDSCAPES DYNAMICS IN MODELO-SC: RUPTURES AND CONTINUITIES

In the preterit and current landscapes of Modelo-SC are observed ruptures and continuities between objects, shapes and functions. Those transformations are

motivated by changes in the relationship between society and the environment through the techniques. The municipality of Modelo, taken as area of research, showed significant changes in the landscape from the beginning of colonization in the late 1940s to the present day. The historical and photographic registers proved to be an important source to accompany these changes, assisting in understanding territorial formation of forms and spatial contents. It was shown, in this way, that the current landscape guard multiple inheritance - between continuities and ruptures - in the forms and contents that made up the landscapes of the past. Although, the adoption of modern techniques, such as observed of highways, building systems and power supply, imposes significant changes to the landscape, cannot be completely disregarded the past functions that authorized the ways of work in another moment.

Key-words: Landscapes, transformations, ruptures, continuities.

1. Introdução

Ao longo do processo histórico, a dinâmica das diversas sociedades que ocuparam e ocupam o globo terrestre, com temporalidades e espacialidades distintas, imprimiu diferentes marcas na paisagem, (re)construindo-a e ressignificando-a, criando não somente bens materiais, mas também valores, crenças, costumes e representações, tanto da natureza quanto do homem. Paisagem que, conforme Santos (2012, p. 103), é a expressão materializada do espaço geográfico, sendo “o conjunto das formas que, num dado momento, exprimem as heranças que representam as sucessivas relações localizadas entre o homem e a natureza”, sedimentando a cultura e suas técnicas ao longo do tempo.

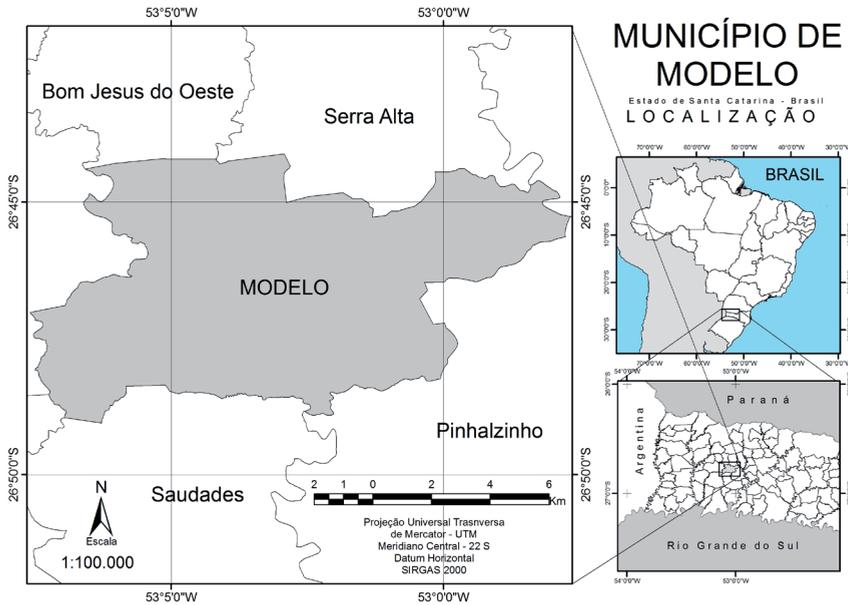
Essas paisagens, na atualidade, demonstram sua configuração territorial, incorporando o conjunto das técnicas do meio técnico-científico-informacional globalizado e difundido de maneira desigual no tempo e no espaço. Elas revelam também formas de paisagens que foram edificadas em outro período de tempo, com técnicas que atualmente se tornaram resistências frente ao modo de produção e ao sistema técnico hegemônico, formando, assim, materialidades entendidas como rugosidades do espaço.

As formas presentes na paisagem, mesmo que produzidas sob a égide de outras técnicas, atualmente têm suas funções reorganizadas por outras demandas de uso e outros modos de vida e produção social, que não mais os originais de sua criação, dadas as transformações engendradas com

o incremento de ciência e informação que os lugares sofreram nas últimas décadas. No entanto, encontram-se também formas de técnicas do passado que não se enquadraram na seletividade das reorganizações de fluxos e tornam-se obsoletas, verdadeiros resquícios arqueológicos de técnicas de outrora. A proposta desse artigo¹ está alinhada a esse contexto, com o objetivo de identificar as rupturas e continuidades nas funções das formas de paisagens pretéritas que atualmente se mostram como rugosidades na paisagem presente, tendo-se como recorte espacial o município de Modelo (Figura 1), localizado na região Oeste de Santa Catarina.

O município de Modelo é um dos vários municípios de pequeno porte fundados a partir da densificação da ocupação da região Oeste de Santa Catarina com a atuação das companhias colonizadoras e o avanço da frente pioneira. A propaganda das colonizadoras atraiu agricultores teuto-italianos do Rio Grande do Sul para as “terras férteis e ricas em madeiras” da margem catarinense do Rio Uruguai. As madeiras, algumas de propriedade das próprias companhias colonizadoras, e os agricultores imigrantes desbastaram parte das formações vegetais nativas – Floresta Ombrófila Mista e Floresta Estacional Decidual – para implantação das atividades agrícolas, primeiro de subsistência e progressivamente integradas aos mercados regionais e nacionais (WERLANG, 2006), de modo que, ainda hoje, a economia regional é de base agrícola.

Figura 1
MAPA DE LOCALIZAÇÃO DO MUNICÍPIO DE MODELO



Fonte: IBGE (2014). Org.: Fritzen (2014).

Para compreender o processo de transformação da paisagem na área de pesquisa buscou-se analisar sua paisagem atual e pretérita a partir de um acervo de fontes documentais, das quais se destaca o registro histórico-fotográfico produzido sobre o município. O levantamento de um acervo fotográfico tornou possível vislumbrar uma gama significativa de imagens, obtidas principalmente a partir do processo de colonização da região iniciado na década de 1940 e incorporando o desenvolvimento do povoado que seria o embrião do município de Modelo, o que pode ser comparado com a atualidade da paisagem, espelho da configuração territorial, suas formas e funções.

O uso de imagens sem dúvida é uma importante ferramenta para o geógrafo analisar a paisagem, bem como sua dinâmica ao longo do processo histórico. Ela, entretanto, da mesma forma que outras fontes disponíveis à pesquisa, é essencialmente um objeto produzido por sujeitos, o que exige um esforço duplo do pesquisador: o de inquirir não apenas o que a imagem representa, mas também se perguntar qual o motivo e o

destino de sua produção. Como bem atenta Zendron (2002, p. 87), um fator importante da imagem fotográfica se refere à sua construção, na qual o fotógrafo ou quem possui a intenção de produzir a imagem, “está fazendo uma escolha, portanto, a fotografia não é apenas ‘a emanção do referente’, mas a emanção de um referente previamente escolhido, enquadrado, focalizado”. Portanto, ao interpretar as imagens produzidas, juntamente com um retorno a campo, revisitando esses mesmos espaços, pode-se conhecer as persistências e rupturas contidas no processo de organização e reorganização da paisagem, bem como as técnicas e dinâmicas que funcionalizaram as formas anteriormente e atualmente.

Para o estudo de caso no recorte espacial utilizado, o município de Modelo, dentre os elementos da paisagem relacionados com a técnica destacam-se três: infraestruturas de energia elétrica, infraestruturas viárias e infraestruturas de habitação. Esses elementos apresentam diferentes formas nas paisagens dos primeiros anos de colonização e nas observadas atualmente e são moldados, em grande medida, pelas técnicas hegemônicas – minimamente disponíveis aos atores sociais na transformação do espaço – ou pelos fluxos que demandavam e ainda necessitam desses fixos para a sua realização. Por isso tornam-se objeto de nossa análise pelo viés da abordagem teórico-conceitual da paisagem e das técnicas, a qual embasa as reflexões.

2. A técnica e a paisagem

A paisagem é uma importante fonte de estudos para a Geografia desde os seus primórdios. Sua gênese está ligada à estrutura espacial do território, formada a partir de tessituras-nós-redes, materializada por um grupo social nas suas práticas espaciais, trazendo ao espaço novas formas ou as “imagens” territoriais que “revelam as relações de produção e consequentemente as relações de poder, e é decifrando-as que se chega à sua estrutura profunda” (RAFFESTIN, 1993, p. 152).

Da concepção de paisagem de Santos (2012, p. 103), destaca-se o aspecto de hibridismo entre as formas, antrópicas ou naturais, na condição de heranças de relações, sendo a paisagem simplificada na condição de “uma porção do território possível de abarcar com a visão”.

A configuração territorial, dado o conjunto de elementos naturais e artificiais fisicamente próximos que compõem as paisagens, pode ser tomada como um sinônimo de paisagem. Assim a paisagem é vista como resultado cumulativo do tempo de uso do espaço e do advento das técnicas, marcada por diferentes ritmos de acumulação e imposições dos processos sociais regionais e locais em diferentes velocidades e direções, dotada de uma característica totalizadora: a materialidade. A ponte de ligação pela qual a paisagem é abarcada pelo espaço é a noção de forma, que só encontra entendimento maior pelo estudo da função dada à forma por uma sociedade em um determinado tempo. Além disso, a paisagem é considerada um testemunho de um momento do desenvolvimento das técnicas de um modo de produção, com formas duráveis que a constituem e persistem, mesmo quando há mudanças do sistema produtivo hegemônico. Assim, alguns processos produtivos e suas técnicas criam suas próprias formas, outros adaptam as formas pré-existentes da paisagem para inserir-se dentro delas (SANTOS, 2012).

A partir das observações de Milton Santos, a ideia de espaço geográfico a partir de fixos e fluxos pode ser entendida também quando nossa análise refere-se à paisagem, de um modo muito aproximado com o entendimento que utilizamos para função e forma. Assim as formas da paisagem, ou seus fixos, são os objetos reais-materiais atrelados aos lugares. Já as funções, ou seus fluxos num sentido aproximado, são resultado das ações que atravessam os fixos e modificam os lugares, dando-lhes vida (SANTOS, 2012).

O autor se utiliza da analogia entre estudo da paisagem e escavação arqueológica, no sentido de que a paisagem consiste nas formas de sucessivas camadas de progressos da sociedade, embora integrados a um sistema social vigente, sofrendo mudanças nos valores e significações, cabendo ao geógrafo observar a paisagem histórica para nela encontrar um sentido geográfico. Assim, a paisagem deve ser entendida na horizontalidade como um sistema que representa as atuais funções e estruturas do espaço e na verticalidade como maneira de buscar uma datação de cada forma, buscando-se delinear as diversas acumulações ao longo da história (SANTOS, 2012).

Raffestin (2010, p. 15), admite que a paisagem, “tanto revela quanto esconde”, sendo ela “um produto da territorialidade que resulta de um conjunto de relações mediatizadas, produto expresso por meio de diversas linguagens em certa escala”, “definida por uma imagem, na prática, um

geograma da realidade material, a geo-estrutura”, e indica ainda que, da paisagem, podemos ter diferentes representações conforme o foco do olhar que lançamos sobre a realidade. Destaca-se que Raffestin concebe também a técnica como conjunto de relações mediatizadas, da qual o homem se utiliza como uma mediação em sua relação com os ecossistemas, produzindo territórios, territorialidades e paisagens, todos objetos de estudo e representação em Geografia.

Raffestin (2010) traz elementos teóricos e conceituais importantes ao estudo da paisagem, incorporando também a noção da representação em diferentes linguagens e o estudo da significação da paisagem como forma de conhecer paisagens pretéritas e atuais, tendo em vista também quem produz a representação. Assim subdivide a relação com a paisagem entre a materialidade e a idealidade, entre trabalho manual de construção da realidade e trabalho intelectual de percepção e representação da paisagem. O trabalho intelectual, por sua vez, não é apenas um jeito de descrever o material, mas também de apreendê-lo cientificamente.

Nessas premissas, a paisagem – em sintonia com o território, espaço de relações de poder (RAFFESTIN, 1993) – é transtemporal, por portar objetos técnicos de sistemas do passado e do presente, em um arranjo particular e numa construção única da distribuição desses objetos-formas e de conteúdo técnico específico, presentes no instante em que o quadro paisagístico é capturado. Na mesma paisagem, além de objetos com temporalidades desiguais, notam-se as formas de organização do território dadas pelas culturalidades, sobrepostas pela sucessão dos diferentes grupos sociais hegemônicos, os detentores do poder sobre o território e suas respectivas técnicas. Desse modo, para o entendimento da complexidade da realidade é preciso observar, além das formas atuais, também suas funções e seus processos.

Raffestin (2010, p. 17) sintetiza e traduz bem esse raciocínio, nos termos em que o território é o “produto do processo de produção em escala 1/1, diacrônico e em contínua evolução” e se relaciona com a paisagem que é também “resultado do processo de produção mental que tem origem na observação humana mediatizada por diferentes linguagens”. Deste modo, a paisagem transforma-se em uma imagem do território, sempre um documento histórico bidimensional, enquanto o território é tridimensional.

É importante ressaltar que a técnica, ou “o conjunto de meios instrumentais e sociais com os quais o homem realiza sua vida, produz e, ao mesmo tempo, cria espaço” (SANTOS, 2012, p. 29), durante muito tempo não foi considerada para os estudos geográficos, ainda que seja um elemento essencial para entender a edificação da paisagem. Da reflexão sobre as técnicas proposta por Santos (2012) busca-se, além do próprio conceito, a noção de difusão desigual das técnicas no espaço e a tese de que as técnicas são elas próprias componentes da paisagem; que também determinam relações sociais e de produção e, por consequência, a organização dos territórios através das formas e funções. Fundar a metodologia no estudo da paisagem implica em restringir a área de estudo a um fragmento do território regional, reconhecendo que os mesmos processos atuam no lugar e na escala regional. Assim, a escala do lugar (o município) coloca-se como recorte espacial ideal para a compreensão das facetas de modernização do território, o que permite, por sua vez, abarcar as transformações propiciadas pela acumulação do tempo através das técnicas (SANTOS, 2012).

3. Paisagens entre rupturas e continuidades

Em Geografia, as noções de rupturas e continuidades são apreendidas por Santos (2004; 2012) através do conceito de rugosidades do espaço. As rugosidades remetem ao tempo histórico que é incorporado à paisagem, quando um modo de produção é manifestado concretamente em um momento do mundo. Assim também o espaço e, por consequência, a paisagem são constituídos de formas duráveis construídas em um processo, e que não se desmantelam com a transformação desse processo, já que ele próprio se adapta às formas preexistentes com novas funções.

Rupturas e continuidades também são abordadas por Saquet (2011), relacionadas ao tempo contínuo, porém desigual, do presente, do passado e do futuro, que determina os ritmos vividos conformando as temporalidades heterogêneas no espaço e no território. A transtemporalidade processual e coexistente, a que se refere o autor, em outros termos, se expressa através dos períodos e momentos históricos e das relações acumuladas de maneira desigual no espaço e que deixam marcas na paisagem.

Coexistem assim ritmos-temporalidades em sincronia transtemporal, de modo que cada território seja constituído de elementos oriundos de períodos e momentos históricos diferentes, sendo que esses elementos podem ser as próprias técnicas de produção de tempos diferentes ou as formas e funções constituintes da paisagem (SAQUET, 2011).

Nesse contexto, as continuidades se referem às formas ou técnicas oriundas de um período histórico anterior e que, na configuração territorial atual, ainda estão presentes, refuncionalizadas ou não. Definem-se também as rupturas pelas formas identificadas em paisagens pretéritas, as quais não são observadas nas paisagens atuais, visto que, na organização do território atual, foram superadas por novas formas ou técnicas.

4. Ocupação colonial e tecnificação da paisagem

No Oeste catarinense, verificou-se, a partir da década de 1920 e principalmente na década de 1930, de acordo com Nodari (2009, p. 34), a atuação de várias companhias colonizadoras, encarregadas de atrair pessoas para o povoamento da região, colocando “em prática a opção de uma migração dirigida a grupos específicos que se adequassem aos padrões estabelecidos pelo governo estadual e por elas próprias, ou seja, que povoassem e colonizassem a região ordeiramente”. A escolha por colonos “ordeiros” e “trabalhadores” não incidiu sobre a população cabocla, mas sim sobre os teutos e ítalo-brasileiros estabelecidos, ao longo do século XIX, nos núcleos de colonização do Rio Grande do Sul. Nesse sentido, “a utilização do espaço até então habitado, principalmente, por caboclos sofreria modificações e remodelações com a chegada desses novos moradores, no decorrer dos anos” (NODARI, 2009, p. 57).

Até então, a configuração territorial não mostrava grandes diferenças, predominando os grupos indígenas e as famílias caboclas que viviam dispersas em meio ao “sertão”, denominação essa que se referia às matas nativas da região, mencionadas nos discursos sobre o espaço regional produzidos ao longo dos primeiros anos do século XX, descritas em relatos jornalísticos e de exploradores. Para produção de sua subsistência, essa população utilizava-se de técnicas intimamente ligadas às condições que a natureza proporcionava, principalmente com o uso do fogo no sistema de

coivara, atividades de caça e extrativistas, segundo um modo de vida específico (BRANDT; NODARI, 2011). Com as novas dinâmicas de uso e ocupação do território trazidas pela colonização, centradas no objetivo de explorar economicamente as terras da região, ocorre uma mudança significativa nessa relação com o meio natural, dada a implementação de uma nova materialidade técnica na paisagem. Em Modelo, a instalação dos colonos, predominantemente agricultores, se dá a partir de 1949, capitaneados por João Muxfeldt, influente comerciante e político da região, que adquiriu as terras hoje pertencentes aos municípios de Bom Jesus do Oeste, Modelo, Serra Alta e parte de Sul Brasil junto à Companhia Colonizadora Sul Brasil. É a partir da atuação de Muxfeldt e de seus sócios que é facilitada a chegada de teuto e ítalo-brasileiros provenientes do Rio Grande do Sul para a colonização, bem como a edificação das infraestruturas e a introdução de novas técnicas na localidade (PICCOLI, 2004).

A primeira solução técnica encontrada para mover os empreendimentos produtivos na Região Oeste, especialmente nas serrarias instaladas após 1910, foi a energia proveniente das máquinas a vapor (Figura 2).

Figura 2

MÁQUINA A VAPOR UTILIZADA EM SERRARIA (SEM DATA DEFINIDA), COMUMENTE CHAMADA DE *LOCOMÓVEL*. ERA ALIMENTADA COM MADEIRA E RESÍDUOS PROVENIENTES DA PRÓPRIA SERRARIA PARA MOVIMENTAR AS SERRAS-FITA OU UM DÍNAMO PARA GERAÇÃO E ENERGIA ELÉTRICA



Fonte: Acervo da Prefeitura Municipal de Modelo (2014).

Na região existiram algumas dessas máquinas para as primeiras serrarias implantadas, com o objetivo de fornecer matérias-primas para a instalação de outras infraestruturas, como habitações e galpões comerciais com tábuas serradas. A utilização dessa técnica lançou as premissas da exploração madeireira, uma das atividades econômicas que se difundiu por boa parte da região quando da entrada das companhias de colonização e dos colonos. Antes da exploração comercial da madeira, sua produção destinava-se principalmente às necessidades locais, sendo extraídas pelos próprios ocupantes da terra ou pelos “engenhos de serrar”, que consistiam em serrarias de pequeno porte cuja produção visava ao abastecimento local, principalmente para a construção de casas e galpões (CARVALHO, 2006). Sem a utilização dos equipamentos de serraria, as tábuas para as construções eram produzidas com o uso de ferramentas manuais, tais como cunha, machado e serrote manual, a custo de muito trabalho braçal. Há relatos dos primeiros colonos chegados à região ou mesmo dos próprios caboclos que serviram de mão de obra nas “empreitadas”, destacando-se que, para produzir tábuas a partir uma araucária de médio à grande porte, demandava-se um dia inteiro de trabalho de mais de um homem (PICCOLI, 2004).

Desde o domínio da energia elétrica e dos processos de produção, transmissão e aplicação, o homem utiliza-se da técnica para mover máquinas ou mesmo indústrias inteiras. No Oeste Catarinense, a presença de infraestruturas de eletricidade como elemento largamente difundido na paisagem remonta a não mais do que trinta anos, sendo que o uso generalizado da energia elétrica é ainda mais recente. As primeiras experiências de energia elétrica acompanharam as primeiras serrarias que aportaram na região. Para o caso do município de Modelo, a energia elétrica passa a ser utilizada ainda nos primeiros anos de colonização, mais precisamente em 1949 com a instalação de uma pequena usina dotada de potência de 20kW, aproveitando o desnível natural do Rio Saudades que corta o município e o perímetro urbano. Essa usina supria as necessidades da serraria e, a partir de 1952, de algumas residências da vila, quando também toda a estrutura de distribuição – fios e postes improvisados – estava finalizada na então denominada “Vila Modelo”.

A partir da utilização da força d'água para a geração de energia elétrica foi possível instalar outros empreendimentos de transformação, como

moinho (1950-1951) e marcenaria (1951), para beneficiar na própria Vila as matérias-primas produzidas pelos colonos recém-instalados. No ano de 1954, a demanda da Vila já não era suprida pela usina, de modo que foi projetada uma nova usina com a capacidade de 80kW (Figura 3) e um canal de 1892 metros ligando a pequena barragem no Rio Saudades ao novo local para instalação da turbina, dos quais 168 metros de extensão a 12 metros de altura por cima do próprio Rio Saudades (Figura 5B). A nova usina ficou pronta no ano de 1957 quando entrou em operação, possibilitando também a ampliação do moinho. Todas as infraestruturas foram realizadas a partir de trabalho braçal (PICCOLI, 2004).

Figura 3

USINA DE 80KW (CANTO INFERIOR, DIREITO) INSTALADA EM MODELO-SC, COM CANAL DE ADUÇÃO QUE TRANSFERIA ÁGUA DE UM PONTO DISTANTE 1892 METROS DA USINA



Fonte: Acervo do Centro de Memória do Oeste Catarinense – CEOM (2014).

Observa-se, assim, que a utilização de novas técnicas, além de elas mesmas se transfigurarem em formas na paisagem, faz com que outras formas sejam alteradas pelas novas possibilidades de fluxos e usos do território. Sob esse viés, a instalação da serraria permite que as novas edificações residenciais ou comerciais do município sejam construídas com tábuas serradas e a instalação do moinho potencializa os usos possíveis para

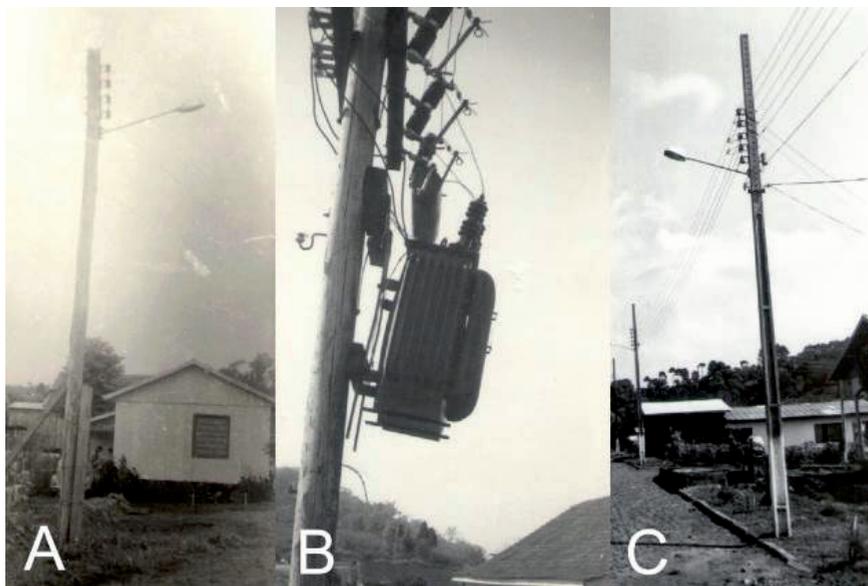
a produção agrícola em função de o beneficiamento mínimo ser realizado de forma facilitada e acessível aos produtores rurais. As premissas para a intensificação das atividades de transformação já estavam lançadas para o município ao final da década de 1950, com a disponibilidade de energia elétrica e a abundância de matérias primas.

No início da década de 1970, com a abertura de linhas de transmissão de alta tensão e o investimento massivo do estado de Santa Catarina na concretização do sistema elétrico estadual pela empresa estatal Centrais Elétricas de Santa Catarina (CELESC), a instalação da linha de transmissão ligando Tubarão, Lages, Joaçaba e São Miguel do Oeste faz com que a distribuição de energia elétrica em grande parte dos municípios da região seja feita pela estatal, tornando obsoleta a estrutura da usina geradora de 80kW. A nova técnica de utilização de energia elétrica, a partir da integração do sistema municipal com a Subestação de Pinhalzinho e a rede de distribuição da CELESC, substituiu as técnicas que até então davam conta do fornecimento de energia, extinguindo-as (HAMILTON; MARKUN, 2006).

A evolução das técnicas de distribuição também produzem transformações significativas na paisagem, com a sucessão de diferentes fixos de suporte aos fluxos de consumo de energia. Inicialmente, a rede elétrica do município – que atendia apenas uma pequena quantidade de consumidores na Vila Modelo – era instalada com postes improvisados de madeira. Quando a possibilidade da rede de distribuição pela estatal CELESC se concretizou, houve a necessidade, pela padronização da distribuição de energia com postes de madeira, de uma rede de distribuição projetada para dar conta da demanda de toda a área urbana ainda na década de 1970 (Figuras 4A e 4B). No final da década de 1980, os antigos postes de madeira foram substituídos por postes de concreto (PICCOLI, 2004), com uma modernização da técnica aprimorando a segurança da rede de transmissão (Figura 4C). Todas essas transformações estão ligadas à difusão dos bens de consumo eletroeletrônicos, que acabam por elevar o consumo de energia elétrica tanto nas residências quanto nas indústrias de transformação e estão atreladas também a um contexto maior relacionado às questões que concernem a energia elétrica no país.

Figura 4

SISTEMAS DE DISTRIBUIÇÃO DE ENERGIA ELÉTRICA. A) POSTE DE MADEIRA COM ESCORA, UTILIZADO NA ANTIGA REDE DE DISTRIBUIÇÃO NO PERÍMETRO URBANO DO MUNICÍPIO NA DÉCADA DE 1970. B) TRANSFORMADOR TRIFÁSICO EM POSTE DE MADEIRA, COMPONENTE DA ANTIGA REDE DE DISTRIBUIÇÃO, AINDA NA DÉCADA DE 1970. C) REDE DE DISTRIBUIÇÃO RECÉM-CONSTRUÍDA NO PERÍMETRO URBANO, DÉCADA DE 1980



Fonte: Acervo da Prefeitura Municipal de Modelo (2013).

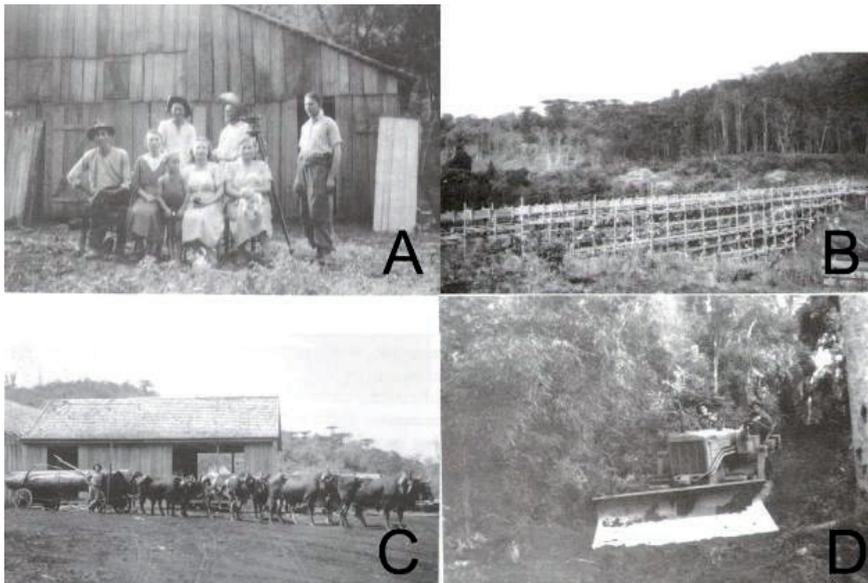
As novas possibilidades que a técnica fornece, como observado com as novas estruturas de energia elétrica, também permitiu a abertura de um mercado para equipamentos elétricos no município, além da instalação de indústrias de médio porte. Assim, em meados da década de 1980, desenvolve-se no município a Área Industrial, bairro na entrada da cidade, projetado com facilidades e incentivos do poder público municipal para a instalação de empresas de transformação. Destacam-se os ramos têxtil, moveleiro e metal-mecânico, em consonância com as potencialidades que as estruturas produtivas regionais já dispunham, como a disponibilidade de madeira, a afinidade tradicional da população com o trabalho manual e a larga demanda por estruturas metálicas ou manutenção de máquinas leves e pesadas (PICCOLI, 2004).

As infraestruturas de habitação organizadas pelas populações tradicionais, principalmente caboclos, à época da chegada dos colonizadores, eram edificadas a partir dos materiais obtidos na própria natureza. As casas dos

caboclos que ocupavam o vale do Rio Saudades eram feitas de uma forma mais simples, com madeiras amarradas, paredes de barro e cobertas com palha; quando mais elaboradas contavam com tábuas de pinheiro lascadas e cobertas com tabuinhas². A partir dessas mesmas técnicas, que foram incorporadas pelos primeiros colonos chegados à sede do município, foi construído o barracão que servia de moradia e armazém de mantimentos para as primeiras famílias (Figura 5A). As primeiras residências para instalação das famílias também foram construídas com as técnicas aprendidas dos caboclos, com lascões³ de pinheiro, cobertos de tabuinhas com apenas uma divisória interna (PICCOLI, 2004).

Figura 5

PAISAGENS DE VILA MODELO NOS PRIMEIROS ANOS DE COLONIZAÇÃO. A) REGISTRO DOS PRIMEIROS COLONOS NO MUNICÍPIO, EM FRENTE AO BARRACÃO CONSTRUÍDO PARA RECEPÇÃO DOS IMIGRANTES, DÉCADA DE 1940. B) CANAL DE ADUÇÃO DA USINA HIDRELÉTRICA DE 80KW (168 METROS) CRUZANDO SOBRE O PRÓPRIO RIO SAUDADES. C) SERRARIA INSTALADA NA SEDE DE VILA MODELO, QUE UTILIZAVA DE VÁRIAS JUNTAS DE BOIS PARA TRANSPORTE DE UMA TORÁ. D) PRIMEIRO TRATOR DE ESTEIRA UTILIZADO NO MUNICÍPIO (E NA REGIÃO) PARA ABERTURA DE ESTRADAS



Fonte: PICCOLI (2004).

Com a instalação da primeira serraria, em 1950, houve a possibilidade de se obter madeira serrada para a construção das residências, o que proporcionou profundas transformações nas paisagens de Vila Modelo.

Difundiram-se então as casas com tábuas serradas e aplainadas, dando um aspecto à vila muito parecido com outros núcleos de colonização mais antiga localizados na região, mais ainda com a instalação da marcenaria em 1951, que forneceria as aberturas e os acabamentos para as residências. No final da década de 1950, instala-se, nas proximidades da estrada de ligação entre Pinhalzinho e Modelo, a primeira olaria do município, que forneceria tijolos e telhas para as construções de Vila Modelo. A olaria obtinha matérias-primas nas proximidades do local onde estava instalada, com madeira abundante para queima nos fornos de cozimento das peças de cerâmica e argila, extraída de um trecho onde o Rio Saudades e alguns afluentes desenvolveram extensas áreas de várzea (PICCOLI, 2004). As novas condições materiais adicionam novas formas à paisagem do município, com a possibilidade de utilização de materiais de alvenaria para a construção de residências e outros equipamentos urbanos, como o primeiro hospital fundado no município, no ano de 1960, e o prédio da prefeitura municipal, no ano de 1968, inaugurando um novo período, no qual os prédios públicos e as construções de comércio e as residenciais das famílias mais abastadas são todos realizados com técnicas de alvenaria (Figura 6).

Figura 6

CONSTRUÇÃO DA PREFEITURA MUNICIPAL EM 1968 E ASPECTOS DO PRÉDIO ATUALMENTE, AINDA UTILIZADO PARA AS ATIVIDADES DA ADMINISTRAÇÃO MUNICIPAL



Fonte: Acervo da Prefeitura Municipal de Modelo (2013); acervo do Autor (2013).

Até a década de 1990 não havia prédios com mais de dois pavimentos, dado o custo da obra e a inexistência de uma demanda que justificasse tal investimento. É somente após meados da década de 1990 que as primeiras obras com mais de dois pavimentos e em alvenaria começam a ganhar forma e sobressair nas paisagens do município, restringindo-se a não mais

do que uma dezena de construções nesses moldes até então realizadas. Atualmente, não existe olaria em funcionamento no município de Modelo e os componentes para as infraestruturas que antes eram produzidos pela olaria são trazidos de outros municípios da região. A maior fluidez territorial, proporcionada pelas técnicas de transporte e suas infraestruturas, influencia diretamente a reorganização produtiva do território. A competitividade entre as firmas também contribui para a concentração da produção em determinados locais (SANTOS, 2012), o que justifica o fato de grande parte das peças de olaria utilizadas hoje no município virem de outros lugares da região.

Em relação à infraestrutura de transportes, até o ano de 1949 as únicas vias de acesso ao município eram pequenas picadas abertas a facão em meio à mata ou trilhas utilizadas pelas populações tradicionais para deslocamento em busca de caça, como no caso dos indígenas, ou para a ligação entre os locais de habitação e os roçados nas áreas mais planas, também incrustadas na floresta. É com a chegada dos colonizadores que as primeiras vias de circulação são abertas, predominantemente com força braçal, como relata Picolli (2004).

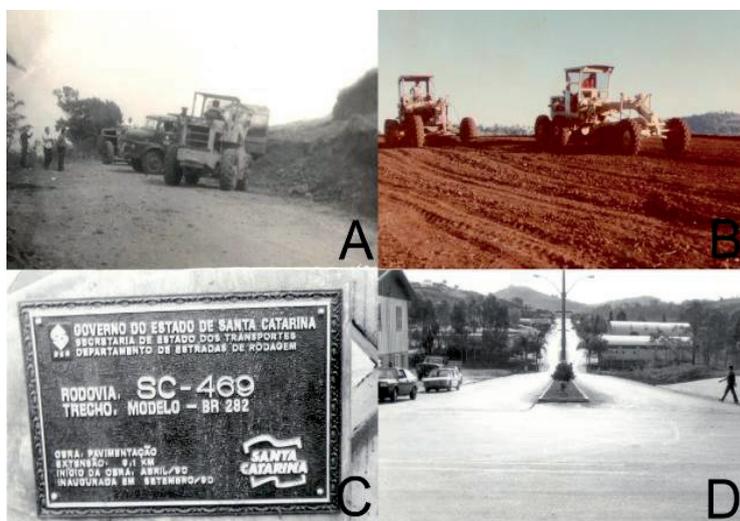
Em 1952, a empresa colonizadora de João Muxfeldt adquiriu um trator de esteiras importado da Alemanha por intermédio de uma firma de Passo Fundo. A máquina era até então inédita na região, e mesmo a Prefeitura de Chapecó, município ao qual pertencia Vila Modelo no início da década de 1950, não possuía tal aparato. O trator de esteiras foi utilizado para abertura das primeiras estradas do município, das vias urbanas e também da estrada que ligava Pinhalzinho a Campo Erê, comumente chamada de “Picadão” (Figura 5D). A utilização de máquinas pesadas permite elevar a outro patamar os meios de transporte da região, visto que com melhor infraestrutura de rodagem seria possível a utilização de caminhões de carga para o transporte de mercadorias produzidas no município, favorecendo os fluxos comerciais entre a Vila Modelo e outras localidades da região (PICCOLI, 2004).

O uso de máquinas pesadas para a abertura e a manutenção de estradas vicinais na área rural consolidou-se na década de 1970, quando a Prefeitura Municipal de Modelo adquiriu máquinas para o Departamento Municipal de Estradas de Rodagem (Figura 7A e B). Assim eram garantidas

as condições de tráfego de caminhões nas estradas de ligação entre os produtores rurais, comércio e indústria que ficavam alocados na cidade, devido à crescente malha viária de estradas sem pavimentação asfáltica instaladas na área rural.

A partir de 1990, uma nova técnica de construção de estradas transforma as paisagens do município com a implantação da pavimentação asfáltica da ligação com a BR 282 (Pinhalzinho), através da SC 469 (Figura 7C), bem como das vias urbanas (Figura 7D). Depois dos anos 2000, com a pavimentação da SC 469, no trecho entre Modelo e Serra Alta, em uma primeira fase, e posteriormente no trecho entre Serra Alta e Campo Erê, os municípios de Modelo, Sul Brasil, Serra Alta e Bom Jesus do Oeste são integrados por estradas de rodagem com pavimentação asfáltica, dando ainda mais fluidez às atividades de logística, produção e comercialização da produção dos municípios com outras localidades de beneficiamento e consumo, principalmente de produtos agropecuários (leite, soja, milho, gado, frangos, peixes) e produtos industrializados, como móveis e têxteis.

Figura 7
INFRAESTRUTURA DE TRANSPORTES. A E B) MÁQUINAS UTILIZADAS NA ABERTURA E NA MANUTENÇÃO DE ESTRADAS VICINAIS NA ÁREA RURAL DO MUNICÍPIO, DÉCADAS DE 1970 E 1980. C) PLACA DE INAUGURAÇÃO DA PAVIMENTAÇÃO ASFÁLTICA ENTRE A CIDADE DE MODELO E A BR 282, INÍCIO DA DÉCADA DE 1990. D) PAVIMENTAÇÃO ASFÁLTICA DAS VIAS URBANAS, DÉCADA DE 1990



Fonte: Prefeitura Municipal de Modelo (2013)

Considerando uma escala mais abrangente, as infraestruturas viárias articulam diretamente os fluxos entre o local e o regional, bem como entre o local e o nacional, e dão fluidez para os fluxos entre diferentes regiões pela ligação interestadual da BR 282 com o estado do Paraná, desempenhando um papel também no conjunto macrorregional. A técnica de construção de estradas, primeiramente com o emprego da força braçal para a abertura das pequenas vias de acesso, em um segundo momento com o uso de máquinas pesadas e, em um terceiro estágio, com o uso de técnicas de pavimentação asfáltica, propicia, além de maior fluidez do e no território, transformações na paisagem, não apenas do entorno local, onde se instalam tais formas, mas também naquelas paisagens oriundas das atividades que se beneficiam de tais infraestruturas, alcançando diferentes escalas. Atualmente, boa parte das vias urbanas já conta com pavimentação asfáltica. Para revestimento de novas ruas no perímetro urbano, utiliza-se também a pavimentação com paralelepípedos, de modo a facilitar os fluxos preferenciais de veículos.

5. Paisagens pretéritas e atuais: rupturas e continuidades

Ao se observar as formas atuais das paisagens, encontradas nos acervos levantados durante a pesquisa, fica evidente que as transformações das formas e dos fluxos são bastante expressivas. Em um segundo olhar, percebe-se que, mesmo com essas transformações, ocorridas e em curso, a paisagem ainda guarda formas e traços das paisagens anteriores. As rugosidades do espaço geográfico, formas que resistiram às mudanças dos fluxos e às técnicas modernizadoras, como trata Santos (2012), ainda são perceptíveis, mesmo que transformadas em achados quase arqueológicos.

O exemplo emblemático da obsolescência da técnica não contemplada pela seletividade dos fluxos diz respeito às infraestruturas de produção de energia elétrica instaladas nas décadas de 1950 e 1960 (Figura 8), que outrora foram importantes nos primórdios da eletrificação, mas tornaram-se rugosidades na paisagem e atualmente não possuem importância efetiva para organização de fluxos no território. No final da década de 1960, o incremento técnico, com a instalação do sistema integrado de

energia pela empresa estatal de distribuição, faz com que sejam desativados os sistemas menores e independentes, tendo em vista sua capacidade e eficiência para suprir a demanda por energia. O aumento da demanda e a modernização promovida pelas políticas do governo militar, tendo em vista a industrialização nacional e a abertura do mercado interno para os produtos de consumo “moderno”, levam esses macrossistemas técnicos ao interior da Região Integrada, como Santos e Silveira (2012) denominam a macrorregião centro-sul do Brasil. O estado de Santa Catarina, a Região Oeste do estado e o município de Modelo são incluídos nesse movimento que integra as escalas, produzindo reflexos com a transformação das formas e fluxos presentes nas paisagens.

Figura 8

INFRAESTRUTURAS DA ANTIGA USINA DE 80KW. A) LOCAL DA ANTIGA USINA HIDRELÉTRICA, AGORA TOMADA PELA VEGETAÇÃO SECUNDÁRIA DE PORTE ARBÓREO. B) EMBASAMENTO ESTRUTURAL DA ANTIGA USINA, ATUALMENTE EM MEIO À MATA. C) BASE DE CONCRETO ONDE SE LOCALIZAVAM AS MÁQUINAS GERADORAS E CANAL DE FUGA DA ANTIGA USINA HIDRELÉTRICA. D) PEQUENO BARRAMENTO NO LEITO DO RIO SAUDADES, UTILIZADO PARA FAZER O DESVIO DE PARTE DAS ÁGUAS PARA O CANAL DE ADUÇÃO



Fonte: Acervo do autor (2014).

Informações coletadas junto a moradores indicam que, durante a década de 1980, as margens do rio no local onde existia a antiga usina eram utilizadas para lazer por grande número de pessoas da região, chegando a centenas de visitantes nos finais de semana. No final da década

de 1980 e na década de 1990, o entorno do rio foi tomado por moradias irregulares dos caboclos, despejados de suas terras de uso tradicional nas divisas entre os municípios de Modelo e Pinhalzinho. Desde o final da década de 1990, com a relocação dessas famílias, a paisagem entra em desuso direto dando lugar para a vegetação secundária. As estruturas da casa de força da pequena usina (Figura 8B e C) ainda estão em meio à mata densa, já encobertas, mas ainda de fácil acesso e observação. Trata-se de uma base de tijolos maciços fortemente calçada, encravada na rocha da margem do rio. A Figura 8D retrata a pequena barragem relatada por Piccoli (2004), de onde saía o canal que levava água até a casa de força, distando quase dois quilômetros do local onde estão os resquícios desta última.

Em consonância com a rápida difusão das técnicas modernas de comunicação (internet, telefonia celular, sistemas integrados de informação etc.) e de produção (máquinas automáticas, informatização da produção, circuitos de informação e logística), em suma, do meio técnico-científico-informacional (SANTOS, 2012), o sistema elétrico integrado dá suporte para transformações substanciais no modo de vida da população, uma vez que acelera os fluxos de informações, capitais e mercadorias e propicia, na escala local, o acolhimento de elementos técnicos mais modernos (Figura 9). Ao compor a paisagem, essas inovações lhe dão novas formas, traduzidas no adensamento urbano, na criação e na modernização de indústrias, nos novos sistemas produtivos e nos novos modos de vida da população nos lugares (SANTOS, 2012).

Como decorrência do fato de as técnicas construtivas primarem pelo sistema construtivo de alvenaria, a paisagem é tomada por construções desse tipo, rompendo-se com as técnicas de construção de habitações com predomínio de madeira, datadas do período de colonização e da “Vila Modelo” (Figura 9A). Gradualmente, as primeiras construções do município são substituídas por infraestruturas que possibilitem a realização de novos fluxos (produtivos ou consuntivos) mais dinâmicos, que, associados ao meio técnico-científico-informacional, revelam-se como transescalares. Essa demanda por substituição das infraestruturas de habitação também é uma resposta à demanda criada pelo adensamento populacional, uma vez que a verticalização cada vez mais se faz presente na paisagem (Figura 9B). Ainda assim, algumas formas da paisagem não se tornaram obsoletas e ainda estão presentes nas paisagens atuais, como o traçado urbano e as

vias pavimentadas na década de 1990. Essas técnicas, como salienta Santos (2012), ainda não encontraram um novo meio técnico mais moderno que as incorpore ou substitua sua funcionalidade no direcionamento dos fluxos regionais, e, por isso, persistem na paisagem como representação de continuidades.

Figura 9

VISTA GERAL DA RUA DO COMÉRCIO NA DÉCADA DE 1960 (A), COM AS PRIMEIRAS CONSTRUÇÕES PREDOMINANTEMENTE EM MADEIRA, VIAS URBANAS NÃO PAVIMENTADAS, ONDE NÃO HAVIA ILUMINAÇÃO PÚBLICA E O ABASTECIMENTO DE ENERGIA NÃO ERA GENERALIZADO. VISTA GERAL DA RUA DO COMÉRCIO EM 2014 (B) COM VIAS URBANAS PAVIMENTADAS, SISTEMA CONSTRUTIVO DOS PRÉDIOS PREDOMINANTEMENTE EM ALVENARIA COM VÁRIOS PAVIMENTOS, SERVIÇOS BÁSICOS DE ILUMINAÇÃO, ENERGIA ELÉTRICA E TELEFONIA MÓVEL



Fonte: Acervo do Centro de Memória do Oeste Catarinense – CEOM e Acervo do Autor (2014).

6. Considerações finais

Esse artigo contribui com a discussão sobre as transformações da paisagem, pelo viés das rupturas e continuidades, decorrentes da implantação e da utilização de técnicas na forma de fixos que moldam os fluxos, que, por sua vez, também têm reflexos sobre a configuração territorial. Reforça-se a ideia de Milton Santos (2004, 2012) quando indica que a paisagem e o próprio espaço carregam a memória de modos de produção anteriores, reorganizados pelos novos fluxos; por outro lado, apresentam também rugosidades como formas características de modos de produção anteriores, que se tornaram obsoletas e já não comportam os novos fluxos.

É importante destacar que as rupturas ou continuidades entre modos de produzir e suas técnicas não são absolutas em relação à totalidade do

território. Por mais que em algumas paisagens um sentido de transformação entre os fixos e fluxos ocorra, em outras paisagens os fixos e fluxos pretéritos continuam a existir. Ou seja, se em certas paisagens algumas técnicas possam ser caracterizadas por rupturas em relação a uma configuração (de fixos e fluxos) anterior, em outras paisagens essas mesmas técnicas ainda podem manifestar-se como hegemônicas, indicando uma continuidade. Essa relação pode existir até mesmo dentro dos limites do mesmo município, ou com ocorrência ainda maior ao se considerar recortes e escalas mais abrangentes, conforme a acumulação desigual do tempo marcada pelas formas na paisagem. O mesmo cabe às modernizações, entendidas como adoção de novas técnicas e modos de fazer por uma sociedade, que não se estendem de forma homogênea por todo o território, mas sim em alguns pontos onde há maior interesse e melhores condições para sua realização.

As rupturas e continuidades das técnicas não podem ser consideradas fora de um contexto maior, pela integração das escalas do território (SAQUET, 2011), onde as técnicas hegemônicas projetam-se do global ao local transformando o conjunto das técnicas locais, conseqüentemente reorganizando as formas da paisagem bem como os usos do território. Tal fato é perceptível no município de Modelo, quando observada toda a trajetória dos objetos técnicos relacionados à energia elétrica: em um primeiro momento desenvolvem-se muito mais ligados às potencialidades do ambiente natural disponíveis no lugar, num segundo momento derivam das técnicas integradas a outras escalas, para, finalmente, num terceiro – e atual – estágio, utilizar-se de técnicas hegemônicas integradas a um sistema de larga escala.

A sucessão dos sistemas técnicos no período observado e no recorte espacial adotado pela pesquisa aproxima-se muito das constatações de Milton Santos (2012) quando este autor propõe uma periodização dos sistemas técnicos, partindo de um meio natural, para um meio técnico até chegar a um meio técnico-científico-informacional, com todas as suas características e peculiaridades. No entanto, em termos de duração, a periodização proposta por Santos se dá de maneira diferenciada no caso observado, onde o tempo histórico é comprimido em um período de pouco mais de 60 anos para a trajetória dos três meios técnicos. A relação entre

as escalas local e global influencia em grande medida essa compressão do tempo, dada a homogeneização da técnica que se projeta sobre os lugares.

O município de Modelo, tomado como recorte espacial de pesquisa, apresentou transformações significativas em sua paisagem desde o início da colonização, no final da década de 1940, até os dias atuais. Os registros histórico-fotográficos mostraram-se uma fonte importante para acompanhar essas transformações, auxiliando na compreensão das formas e dos conteúdos do território, bem como de sua formação. Foi evidenciado, dessa maneira, que a paisagem atual guarda várias heranças – entre continuidades e rupturas – das formas e conteúdos pretéritos que compunham as paisagens de outrora. Ainda que a adoção de técnicas mais modernas, no que concerne as estradas de rodagem, os sistemas construtivos e o suprimento de energia elétrica, imprima mudanças significativas na paisagem, não podem ser desconsideradas completamente as funções passadas que autorizaram as formas de fazer de outro momento histórico.

Agradecimentos

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq e à Universidade Federal da Fronteira Sul, pelo financiamento do projeto e pela concessão de bolsa para realização da pesquisa.

Notas

- ¹ Decorrente das pesquisas relacionadas ao projeto “Paisagens Caboclas: rupturas e continuidades frente à colonização alemã e italiana no Oeste de Santa Catarina”, institucionalizado pelo Edital nº 262/UFFS/2012 – Universidade Federal da Fronteira Sul, vinculado ao projeto homônimo aprovado no Edital MCTI/CNPq/MEC/CAPES N.º 18/2012.
- ² Tanto na literatura científica quanto nos relatos orais o termo “tabuinhas” designa pequenas peças de madeira de pinheiro utilizadas para a cobertura das moradias construídas pelos caboclos quando da chegada dos colonos no início da colonização da região Oeste de Santa Catarina. Num primeiro momento, não dispondo de olarias para a produção de telhas, essa mesma técnica foi empregada pelos colonos para construção de suas habitações.
- ³ O termo “lascões” designa as tábuas de pinheiro cortadas (lascadas) com o uso de ferramentas manuais (machado, cunha, serrote) e utilizadas sem pintura ou acabamento, como pode ser visto no barracão ao fundo da Figura 5A. Destaque para a porta (madeira mais clara) escorada ao lado de fora do barracão por não haver disponibilidade de dobradiças de metal.

Referências

- BRANDT, M.; NODARI, E. Comunidades tradicionais da Floresta de Araucária de Santa Catarina: territorialidade e memória. **História Unisinos**, v. 15, p. 80-90, 2011.
- CARVALHO, M. M. X. de. **O desmatamento das florestas de araucária e o Médio Vale do Iguaçu**: uma história de riqueza madeireira e colonizações. 2006. 201 f. Dissertação (Mestrado em História) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006.
- HAMILTON, D.; MARKUN, P. **Celesc**: 50 anos de luz. Florianópolis: ABECELESC, 2006.
- NODARI, E. S. **Etnicidades Renegociadas**: práticas socioculturais no Oeste de Santa Catarina. Florianópolis: Editora da UFSC, 2009.
- PICCOLI, W. **Modelo**: Colonização e Desenvolvimento. Pinhalzinho: Schaefer Impressos, 2004.
- RAFFESTIN, C. **Por uma Geografia do Poder**. São Paulo: Editora Ática, 1993.
- RAFFESTIN, Claude. Uma concepção de Território, Territorialidade e Paisagem. In: PEREIRA, S. R.; COSTA, B. P. da; SOUZA, E. B. C. de (Org.). **Teorias e Práticas territoriais**: análises espaço-temporais. São Paulo: Expressão Popular, 2010. p. 13-23.
- SANTOS, M. **Por uma Geografia Nova**. 6. ed. São Paulo: Edusp. 2004.
- SANTOS, M. **A Natureza do espaço**. 5. ed. São Paulo: Edusp. 2012.
- SANTOS, M.; SILVEIRA, M. L. **O Brasil**: Território e sociedade no início do século XX. 16. ed. Rio de Janeiro: Record, 2012.
- SAQUET, M. A. **Por uma Geografia das territorialidades e das temporalidades**: uma concepção multidimensional voltada para a cooperação e para o desenvolvimento territorial. São Paulo: Outras Expressões. 2011.
- ZENDRON, R. C. O fotógrafo. **Esboços**, v. 10, p. 84-95, 2002.
- WERLANG, A. A. **Disputas e ocupação do espaço no oeste catarinense**: a atuação da Companhia Territorial Sul Brasil. Chapecó: Argos. 2006.

Recebido em: 22/08/2016

Aceito em: 19/09/2016

